

*A Mesa da Palavra explicada ....*

*Pároco P. e Vasco Soeiro*

**Domingo I do Tempo Comum – Ano A – 11.01.2026**

**Domingo do Batismo do Senhor**

**1ª leitura** – Isaías 42, 1-4.6-7

**Salmo** – Salmo 28 (29)

**2ª leitura** – Atos 10, 34-38

**Evangelho** – Mateus 3, 13-17

## **Batismo: mergulhar e abrir**

Caríssimos irmãos e irmãs, neste domingo iniciamos um novo tempo litúrgico, o Tempo Comum, com uma festa importantíssima para vida de Igreja, como Corpo de Cristo, e para cada um de nós, como membro desse corpo. Meditemos o sentido profundo – de ontem e de hoje – do sacramento do batismo tal como foi inaugurado em Cristo Nosso Senhor.

O batismo de Jesus nas margens do rio Jordão parece não ter sentido, aos nossos olhos. Então, Jesus não é o Filho de Deus, coeterno e consubstancial ao Pai? Qual a necessidade deste ato simbólico para nós, seus discípulos do séc. XXI? O sacramento do batismo é um mero acontecimento histórico – de Cristo e nosso – ou é dinamismo de Vida? Será que este sacramento se resume a um ato litúrgico, pelo qual somos integradas na Igreja, numa comunidade crente?

Permiti-me refletir convosco acerca de duas ações presentes no evangelho de Lucas que acabamos de escutar: **mergulhar** e **abrir**.

Um dos elementos principais do batismo é a água como sinal de regeneração/purificação. À água é associada uma poderosa dimensão simbólica, da qual consta o poder da **destruição** (poder caótico primordial. Ex.: dilúvio); o poder de **vida-fecundidade** (ex.: água que sai do Templo, na visão de Ezequiel) e o de **purificação**. Segundo o pensamento bíblico a água simbolizava o abismo, o desconhecido e a impossibilidade de vida.

Acerca desta interpretação refleti acerca da experiência humana de mergulhar na água. Quando damos um mergulho, ainda que por breves segundos, sentimos que entramos num outro mundo ao qual não pertencemos pois não conseguimos respirar e nem comunicar; deixamos de sentir a gravidade; e a pressão da profundidade comprime-nos. Resumidamente sentimos a impossibilidade da vida neste meio ambiente. Mas será que necessitamos de mergulhar na água para sentirmos estes efeitos no nosso corpo?

Aos olhos da fé aferimos necessariamente que a resposta será SIM. O pecado, quer dizer o que nos separa do Senhor, de nós mesmos e dos nossos irmãos, provoca sensações semelhantes. Se não vejamos: quando estamos em pecado não queremos falar com ninguém, fechamo-nos no nosso pequeníssimo mundo; sentimos a pressão que não nos deixa respirar; sentimo-nos como que atirados ao ar e não sabemos onde vamos cair.

Mas avancemos na nossa reflexão, analisando (mesmo que de forma muito sintética) o verbo **ABRIR** e a sua importância para nós hoje. Refiro-me ao verbo grego **ἀνοίγω**.

De entre as múltiplas passagens da Sagrada Escritura em que este verbo é utilizado realço apenas duas que nos ajudam a adentrarmos no mistério mais profundo do Batismo.

No primeiro livro da Bíblia, o Génesis, no capítulo 7 (6-12) é-nos narrado um acontecimento destruidor, o dilúvio: «Noé tinha seiscentos anos, quando o dilúvio caiu sobre a Terra. Para fugir

à inundação do dilúvio, entrou na arca com os filhos, a mulher e as mulheres de seus filhos. Dos animais puros e daqueles que não são puros, das aves e de todos os seres que rastejam sobre a Terra, entraram com No  na arca, dois a dois, um macho e uma fêmea, como Deus tinha ordenado a No . Ao cabo de sete dias, as águas do dilúvio submergiram a Terra. Tendo No  seiscentos anos de vida, no dia dezassete do segundo mês, nesse dia romperam-se todas as fontes do grande abismo, e **abriram-se** as cataratas do céu. A chuva caiu sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites». Nesta passagem atestamos o «estabelecimento do caos» na terra.

Hoje escutamos no evangelho de Mateus (3,16-17) que: «Logo que Jesus foi batizado, saiu da  gua. Então, **abriram-se** os céus e Jesus viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e pousar sobre Ele. E uma voz vinda do céu dizia: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência».

Aqui, no Batismo do Filho de Deus encarnado, se restabelece a «harmonia primordial», a possibilidade de vida: respirar, comunicar, relação, gravidade (no sentido do caminho de f ).

Podemos agora concluir que receber e viver o sacramento do batismo, na imitação de Jesus, verdadeiramente Homem, que nos quer inserir no seu próprio dinamismo,   não são acolher a graça de uma Vida que nos faz discernir, quer dizer perceber e escolher entre o bem e o mal, mas sentirmos (acreditarmos) também que ele (batismo) não constitui para nós apenas um acontecimento histórico (como ir ver um filme, assistir a um concerto, assistir a um jogo de futebol), vivido *in illo tempore* e cada vez mais longínquo, mas dinamismo constante e progressivo de identificação com Aquele a partir do qual fomos criados, eleitos e constituídos missão para o mundo. O Batismo é passado, presente e futuro.